

# PARTE 1

Dedicada aos estudos metapsicológicos de Freud, esta Parte do livro vai apresentar os conceitos de inconsciente, pulsão e aparelho psíquico, relacionando-os, na medida do possível, para que se possa reconhecer aí a direção dada por esse autor ao desenvolvimento afetivo, do nascimento à adolescência, com direito a justificar o papel organizador da vida psíquica adulta (formações clínicas) em torno do Complexo de Édipo, pedra angular da teoria do ponto de vista dinâmico.

Apenas um texto é indicado como leitura obrigatória: *Sobre os Sonhos* (Freud, 1901/1976). Escrito em 1901, como uma síntese do *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1972) que funda a psicanálise tal como reconhecida, ainda hoje, em suas hipóteses características, esse trabalho traz as considerações a respeito do inconsciente como mecanismo, como modo de funcionamento. Ou seja, numa relação revela-esconde, as imagens oníricas reapresentam, numa outra ordem, os pensamentos inconscientes que, por estarem sob efeito de repressão, reaparecem numa solução de compromisso, em deslocamentos e condensações, como sonho. Em decorrência, da mesma forma que os sintomas, por hipótese, os sonhos teriam sentido e poderiam ser analisados, conduzindo invariavelmente ao bojo de sua organização, um desejo infantil, que, em algum nível, assim se satisfaria.

O que se destaca nesse momento da escritura da psicanálise é que se desenha, num texto de densidade teórica suficiente para ser considerado aquele que funda a psicanálise no âmbito das representações, um inconsciente com perfil móvel, como modo de funcionamento. Imagens que se condensam e deslocam na produção de sentidos, e não sistemas ou energias à moda de verdadeiras substâncias constitutivas do psiquismo como o faz em 1915 (*O inconsciente*, 1915/1974). Apontar para *deslocamentos* e *condensações*, bem como a ambos como decorrência de um *movimento repressivo* sobre o desejo ou sobre um pensamento desejante (*wishfull thinking*) é muito diferente de

admitir um *espaço* psíquico *onde* se processam trocas de catexias, com qualidades particulares, que delimitam território próprio para operarem em contraposição a outros sistemas.

# Sobre os sonhos

Da perspectiva que acabamos de indicar, traçaremos, a partir de agora, uma linha-mestra em *Sobre os Sonhos* (Freud, 1901/1976).

Esse texto é síntese do histórico livro *A Interpretação dos Sonhos* de 1900 (Freud, 1900/1976). Nele, a psicanálise desenha seu perfil de método interpretativo, que parte de representações, tal como surge na modalidade precípua da imagem (figurabilidade, nos termos de Freud) que, por suas características específicas, move o *non sense* atribuído a um inconsciente que a determina. Diferentemente da palavra, as imagens têm a qualidade de conferir movimento e plasticidade aos sentidos: podem ser compostas, fazendo deslizar detalhes de traços entre os personagens oníricos; e, nisso, seriam condição de possibilidade para pensar/interpretar os sonhos, como se interpretam os sintomas.

Em *Sobre os Sonhos*, datado de 1901, estas ideias-chave permitem o entendimento dos dois primeiros capítulos, sendo que a cada um, especificamente, caberia a tradução em uma tese.

\*\*\*

No capítulo I, Freud mostra a seguinte tese: *os sonhos têm significado*.

Para tanto, faz como que um confronto, uma interlocução com outros saberes: a filosofia, a medicina e a opinião popular.

Na filosofia, destaca a compreensão dos sonhos como uma atividade superior da mente, admitindo, assim, significados.

Na medicina, destaca que podem ser concebidos como atividades isoladas do cérebro, sem qualquer sentido psíquico.

Na opinião popular, os sonhos se relacionam com previsões de acontecimentos no futuro, tendo, portanto, significado; por isso, podem ser interpretados por dois métodos: (a) substituição de fragmentos do conteúdo, conforme uma chave fixa, por outros significados, ou (b) substituição de um todo por outro todo.

Expressamente, Freud se coloca ao lado desta última concepção, dizendo que fará alterações de método de análise (mais fragmentação e menos substituição todo/todo) e de finalidade/origem (premonições e visão de futuro). Vejamos como isto se dará.

\*\*\*

*Porque têm significado, são analisáveis.* Eis a tese que se pode depreender do capítulo II.

Têm significados estranhos à consciência, *como os sintomas*. E, por isso podem ser submetidos ao mesmo método com que se trabalham as enfermidades, isto é, a psicanálise.

A começar pela Associação Livre, porque, sem a crítica consciente, surgirá o material que se encontra ligado à ideia patológica, que foi seu ponto de partida. São associações involuntárias. Tudo isso, no dizer do próprio autor, Freud. Para ele, os sonhos são substitutos dos pensamentos inconscientes e, como tal, são plenos de sentidos e emoções, que cumpre à análise desvendar. Nada, portanto, de encará-los como fenômenos puramente fisiológicos, como quer a medicina.

Faz, a partir daí, a *distinção* entre *conteúdo manifesto* e *conteúdo latente*. O primeiro são as imagens de que me lembro. O segundo, a ideia patológica. Cabe ao trabalho de análise, a passagem do manifesto ao latente e, no sentido inverso, temos o trabalho de elaboração onírica que supõe sempre um indutor.

Termina este capítulo com duas perguntas que serão respondidas em capítulos posteriores: (1) que processos conduzem do latente ao manifesto? (2) por que há transformações nessa passagem?

Adiantamos aqui, ao leitor, as respostas a serem posteriormente confirmadas. Em (1), os mecanismos inconscientes de condensação e deslocamento. Em (2), a repressão.

Isto fica demonstrado, aos moldes desta psicanálise assim nascente, pela análise de um sonho do autor, que prima pela demarcação da fragmentação das cenas oníricas e de seus componentes imagéticos, a associação livre a cada fragmento e a reconstituição de um ou alguns sentidos. Como se pode perceber, esbanja-se aqui, a *concepção do inconsciente, como processos, funcionamento, mecanismos*. Ideia essa, que nos será muito cara para trabalhar a psicanálise como uma instituição do conhecimento e da prática clínica.

\*\*\*

No capítulo III, outra tese se anuncia. A de que *há diferentes modos de transformação de conteúdo latente em conteúdo onírico (manifesto), devido às diferentes relações entre desejo e expressão*.

Em função disso, é possível falar em três tipos de sonho:

- os inteligíveis que, como sonhos de criança, trazem o desejo como imediatamente realizado nas cenas oníricas; constituem a melhor demonstração que contraria a teoria médica sobre os sonhos, bem como a maior prova de existência de indutores diurnos para eles; acontecem também em adultos, mas nesses casos, recomenda-se pesquisar mais a fundo a “determinação oculta”;
- os sonhos que possuem um conteúdo manifesto claro, mas que têm efeito desnorteador;
- sonhos desconexos e confusos, sem qualquer significado à consciência.

São esses os diferentes modos de transformação do conteúdo latente em manifesto, que permitiriam configurar relações possíveis entre o desejo e a imagem.

\*\*\*

Tendo sempre em mente essas três teses, prosseguiremos com a *linha-mestra* que nos comprometemos a traçar, para a sequência dos capítulos, deixando ao próprio leitor construir seus ensaios de “teses” e lembrando que elas existem e estão centradas no que se abre como possibilidade de entender o *inconsciente como mecanismo*.

Nesse sentido, os capítulos IV e V são exemplares. São a resposta à primeira pergunta que se faz, no capítulo II (“quais processos conduzem do latente ao manifesto”). É assim que Freud pensa: levanta a bola e sai pra cortar! E, nesse caso, o corte é pra dizer que a imagem, por suas características próprias, permite que a realização do desejo produza por condensação e deslocamento.

A *condensação* é a responsável por revelar/ocultar o pensamento inconsciente, na medida em que dele junta fragmentos diferentes na composição de uma cena/imagem única que muitas vezes nos desconcerta, angustia e, em outras, parecem simplesmente dar conta de sensações inexplicáveis de alívio. Pessoas desconhecidas surgem como mais ou menos familiares porque têm o cabelo de uma e a estatura marcante de outra, figuras compostas sem referentes na “ideação de vigília”. Nós mesmos nos representamos de maneiras diferentes e até absurdas, com sentimentos e ações que, acordados, não poderiam nos afirmar. Duas ideias contrárias podem se representar na mesma estrutura composta. E assim por diante.

As palavras, à moda de uma figura, também condensam sentidos: por alteração da forma verbal, pela construção de rimas, pela ambiguidade (esta, sempre!). Todos os sentidos são válidos. E a realização de desejo pode se dar nos opostos que a cena pode produzir. É o paciente que confirma quando um destaque analítico desses mecanismos alcança sentidos e sensações que se põem como sonho.

A título de exemplo, o sonho de uma senhora que costumava fazer sempre apreciações estéticas da vida, de fatos cotidianos a excepcionais. Essa estética costumava suplantar qualquer manifestação de sentimentos. Poder-se-ia dizer

que os afetos eram constitutivos dessas apreciações, na forma constante de comentários desse tipo: referências à beleza e à feiura de cenários e pessoas, sensações de peso e leveza, de intensidades e de estranhamentos... De si, dizia-se desafeta, apesar de os outros falarem que ela era muito importante para, e presente na, vida deles. Pois bem, dia desses, ela me conta que sonhou uma cena. E só! A cena foi a seguinte: ela estava com os pés no chão e via um lindo pássaro branco voando. Falou em voo leve, livre, silencioso e harmônico, como se ainda pudesse ver a cena...

Chamou-me a atenção ter comentado que estava com os pés no chão: por que afirmar uma coisa tão óbvia? Chamou-me a atenção, também, que havia opostos intrigantes no seu relato: ela se diz com pés no chão e com os olhos no infinito por onde voa um pássaro. Dois estranhamentos meus, sobre como construiu o relato dela. E formulei então uma pergunta, que parecia, até a mim, descabida, mas que fazia um ensaio de organização das indicações de sua narrativa. Daí vem o espanto maior: ela disse que sonhara isso na noite daquele dia que era o aniversário de morte de sua única irmã (assassinada pelo namorado, aos 16 anos, na porta da casa dela). Não creio que seja necessário prosseguir com o exemplo. Sem analogias para forçar interpretações tais como “o desejo era que a irmã estivesse agora livre como um pássaro” (até porque nenhuma de nós duas éramos dadas a mimesis do tipo), seguiram-se falas contundentes sobre a violência que representou, socorrer a irmã, já morta quando conseguiu tocá-la, e cobrir-lhe o rosto com seus próprios cabelos. Paro por aqui. Por ética e por estética afetiva.

*O deslocamento* é o mecanismo inconsciente considerado por Freud como o que mais promove a ocultação do conteúdo latente, na medida em que se presta a deslocar o sentido principal do sonho, para detalhes narrados de passagem, supostamente insignificantes. Os efeitos do assinalamento de alguns desses deslocamentos são surpreendentes.

Creemos que uma situação concreta, outra vez, poderá elucidar o modo como entendemos e acionamos, numa análise, o cenário onírico.

Aos trinta e alguns anos, com uma história pouco típica de criação, sobretudo pela mãe, Carolina narra, com frequência e dor, registros de memória

de se ver exposta a agressões e surras em qualquer parte do corpo, mormente na cabeça. Aliás, como filha de pais funcionários públicos de alto escalão, não havia nada que justificasse ter sido submetida a práticas de punição física tão arbitrárias. A mãe, personagem constante em seus sonhos, aparecia, ora mais e ora menos, sem despistamentos. Sempre dando contorno a diversas feições de violência, de muita raiva. Uma sonhadora, esta mulher, que tanto produzia (como ainda produz) ricos e complexos enredos oníricos. Uma excepcional colaboradora na análise de sentidos possíveis para essas suas produções.

Um marco desse processo analítico foi a narração do seguinte sonho. Diga-se, alguns meses após a morte de sua mãe...

Ela estava na sala de uma casa que poderia ser a dela, diante de uma estante de parede inteira, e madeiras azuis no assoalho. Sai à porta da frente, e vê, na calçada, um cachorro, muito machucado na cabeça, chorando. Todo o peso afetivo foi dado à cena do cachorro, que pelo que se pode ler acima, trata-se de uma imagem que a representava em seu sofrimento. De tudo isso falou-se com a atenção devida às emoções que tais lembranças despertavam. Em um determinado momento, comentei o estranhamento que me causara uma sala com piso de madeira azul. Foi então que estabeleceu uma relação entre a cor desse piso e a da estante do lugar onde foi morar, logo que assumiu vaga alcançada por concurso (também público), e para onde levou todas as suas miniaturas e brinquedos que guardara desde pequena. Eles passaram a povoar a estante azul, até quando, alguns anos depois, voltou para sua cidade, vencido o tempo de exercício compulsório do cargo em regiões mais afastadas, pelo que rezam os concursos. O mais surpreendente, no entanto, estava por ser recordado. Ao ir embora, doou todos os seus brinquedos e miniaturas para as pessoas dessa localidade.

De surpresa em surpresa, fomos tratando de um aspecto “nunca dantes abordado”: o modo como ela mesma se tratava, privando-se de coisas muito queridas, desfazendo-se delas, como quem poderia, pelas próprias mãos e atos, punir-se. Outras vezes procedera assim, consigo, e disso também se recordou, como um memorável desfecho da interpretação de um sonho...

Urge, no entanto, voltar ao texto de Freud, apesar de não o termos, de fato, deixado de lado. Apenas nos permitimos operar com a compreensão que temos de suas propostas.

O capítulo VI parece dedicado a *fundar a ideia de inconsciente como mecanismo*. Dizemos “parece”, porque aquilo de que nosso autor trata aqui é esclarecer “as regras” da produção onírica. Nós é que pensamos: “portanto, regras da produção inconsciente”. E temos certeza de que o leitor concordará com essa conclusão.

Como se produz o sonho e/ou o inconsciente?

Diz Freud: por imagens e metáforas que representam de forma distorcida as experiências da primeira infância, cristalizadas num núcleo que atrai e afeta a distribuição dos pensamentos oníricos, que se fragmentam nas representações imagéticas, características desse processo psíquico. Tais conteúdos apresentam-se numa curiosa organização que destrói relações de causa e efeito, mas mantém alguma possibilidade de lógica, no plano desses pensamentos, pela substituição deles na linguagem típica das imagens. Assim, os sonhos podem reproduzir uma relação causal por uma sequência de cenas, ou pela transformação de uma em outra. Podem substituir uma conexão lógica por uma aproximação no espaço e no tempo, uma espécie de classificação em grupos conceituais. Ao combinar a totalidade do material numa situação única (condensação), pode-se pensar que composições de personagem ou circunstância, narradas como alternativas, nada mais sejam do que a somatória deles; onde estiver um “ou (...) ou”, ouça-se/aposte-se num “e”. Mais ainda: a oposição entre dois pensamentos pode aparecer como transformação de um conteúdo em outro; com isso, a inibição de movimento na própria cena sonhada acontece de ser a expressão de contradição entre dois impulsos, um conflito de vontades. Por fim, a impressão de absurdo num sonho vem a significar a presença de contradição, ridículo e vergonha no plano do conteúdo latente.

Todos esses processos descritos pelo autor sugerem que o estranhamento provocado à consciência pelos sonhos é efeito de deslocamento e condensação e, exatamente com isso, que para além das características próprias da imagem,

o sonho, assim como o sintoma, é uma organização psíquica plausível à consciência das pessoas.

\*\*\*

Está na hora de retomar a questão que Freud, retoricamente, nos levanta no capítulo II: por que há uma alteração dos conteúdos latentes quando se organizam manifestamente? Podemos ter que a *repressão*, colocada neste texto como *censura*, opera as deformações necessárias para que um sonho seja construído e lembrado; e o faz, condensando e deslocando. Em tais movimentos, o surpreendente é que não fazemos a menor ideia de que isso nos acontece. Mecanismos inconscientes, portanto, na determinação da vida psíquica...

Uma discreta ação da censura na formação dos sonhos é o que Freud chama de considerações de inteligibilidade. É a elaboração, a pincelada, final do sonho, despistando os sentidos e motivos a que veio. É uma espécie de acabamento do trabalho de elaboração onírica, que nada teria de criativo e conclusivo, trazendo apenas uma primeira interpretação “palatável” para a pessoa; elementos de narrativa. Entretanto, como uma espécie de fachada do sonho, guarda caminhos para o núcleo determinante do sonho. Basta que se entenda que esses caminhos são o da elaboração analítica, de desconstrução das condensações e dos deslocamentos. Como fachada, também, quanto mais bem acabada, mais despista o que a elaboração onírica fez distorcer. Os sonhos menos inteligíveis são os mais fáceis de interpretar. É que os sonhos desconcertantes à consciência estão tecidos pela angústia que costuma driblar a repressão, permitindo a presença daquilo que deveria permanecer oculto, de forma muitas vezes pontual; a presença do desejo.

Desse modo, esclarece-se que a repressão é processo constitutivo tanto dos sonhos como dos sintomas. Se os repetimos, é para enfatizar o que só muito mais tarde (1925), Freud afirmará em *Inibição, Sintoma e Angústia*: os sintomas são substitutos da realização de desejo. Por decorrência teórica, os sonhos, pelo tipo de relação desejo/repressão, re(a)presentariam o desejo como realizado. É assim que os sonhos que deveriam ser percebidos como aflitivos, mas não o são, denunciam a atuação forte de deslocamento, realizando com bom disfarce o desejo reprimido.

Um enunciado de grande importância será tratado nos capítulos finais de *Sobre os Sonhos*, fechando o foco sobre o porquê sonhamos e enfatizando a relação entre realização de desejo e repressão.

*Os sonhos são guardiões do sono* é a frase contundente que mostra e nos traz de volta à hipótese de que os sonhos infantis, na medida em que apresentam um desejo que, durante o dia, foi impedido de satisfação e se realiza nas cenas oníricas.

Está aí a famosa frase que uma criança pequena que teve de se conter para não comer morangos, nas horas de vigília, disse enquanto dormia, com expressão de visível satisfação: “Molangos! Molangos silvestles!” Muito provavelmente estivesse se refestelando com a apetitosa cesta de morangos que teve que recusar enquanto estava acordada.

Se, para as crianças, a extinção do desejo é resultado da satisfação creditada pelas imagens oníricas, esta não é uma operação facilitada aos adultos. Porque: (a) os pequenos não fazem exatas distinções entre realidade e fantasia e, portanto, as inibições aos impulsos não se “pronunciam” como acontece nos adultos; (b) nestes, sim, as inibições são mais consistentes e ativam a censura/repressão, provocando, então, mais deslocamentos e condensações; (c) a função desses mecanismos, bem como sua intensidade, é a de proteger o sono, relaxando o corpo e a percepção do exterior; (d) como sempre permanece um tanto de atenção livre para afastar estímulos externos, essa atenção volta-se para dentro, de tal forma que a pessoa acorde quando alguma revelação do conteúdo reprimido estiver por acontecer; (e) e assim ela poderá continuar dormindo e sonhando.

Como os desejos que precisam ser disfarçados a qualquer custo porque têm natureza sexual-infantil, bem como precisamos descansar e dormir, trava-se uma luta produtiva entre a satisfação possível do desejo na produção das imagens e a proteção necessária conferida pelo sono. E faz todo sentido pensar nesse protagonismo onírico para as garantias psíquicas e as físicas de qualquer um de nós!

É dessa maneira que Freud insiste ao final, que os sonhos precisam ser interpretados, sempre, a partir da história que construímos nos vínculos precípuos que estabelecemos. E eles são, invariavelmente, ligados pela, e com,

a sexualidade que investe nossas relações afetivas, sobretudo, com as primeiras figuras de investimento amoroso. São questões assim sérias que nos inserem nas comunidades regionais e culturais; e, se, de alguma forma, elas vestem os sentidos e os desejos que o sonho organiza, há que se explorar, na análise, porque e como a história pessoal assim se veste. Não é o caso de trocarmos um todo pelo outro, ou considerar os sonhos como previsões de futuro, como diz a opinião popular sobre eles. Há que partir daquilo que se apresenta na cena e na imagem tal como as sonhamos (conteúdo manifesto) para buscar configurar, na trama de registros (conteúdo latente), o que se busca realizar/satisfazer.